

DA ILHA DE CIRCE AO SUBMUNDO DE HADES

From CIRCE'S Island to Hade's underworld

DOI: 10.14393/LL63-v39-2023-30

Roseli Hirasike*

Vera Bastazin**

RESUMO: O presente ensaio aborda a feiticeira Circe, a partir da representação de seu mito na Odisseia de Homero e no romance contemporâneo *Circe*, de Madeline Miller (2019). Nas vozes do eu lírico masculino dos cantos homéricos e na da própria protagonista no romance, observamos Circe na jornada do herói em seu retorno à Ítaca, após a longa e penosa guerra entre aqueus e troianos. Sob a perspectiva da tradução da epopeia do grego clássico para o inglês, apresentada pelo Professor Gregory Nagy em seu curso “Antigos Heróis Gregos” (2023) na Universidade de Harvard, discorreremos sobre o simbolismo do nome Circe. Nosso recorte evidencia esse simbolismo na descida de Ulisses ao submundo de Hades, pela ilha de Circe, como um despertar da escuridão e morte para a luz e a vida. Essa jornada da alma do herói, simbolicamente da ilha de Circe ao submundo de Hades, ensina algo sobre a feiticeira exilada do Olimpo.

PALAVRAS-CHAVE: Circe. Feiticeira. Odisseia. Jornada do herói. Submundo de Hades

ABSTRACT: This essay approaches the witch Circe, as per her myth in Homer's *Odyssey* and in the novel *Circe* by Madeline Miller (2019). According to the male voice in Homer's chants and the main character's own voice in the novel, we follow Circe in the hero Ulysses' journey back to Ithaca, after the long and painful war between Achaeans and Trojans. From Gregory Nagy's perspective of translation from Classic Greek to English, as posited in his lectures for the course “Ancient Greek Heroes” (2023) at Harvard University, we delve into the symbolism of the name Circe. We point to this symbolism when Ulysses goes to Hades' underworld, passing by Circe's Island, which entails the returning from darkness and death to light and life. Such a journey of the hero's *soul*, symbolically from Circe's Island to Hades' underworld, teaches something about the witch exiled from Olympus.

KEYWORDS: Circe. Witch. Odyssey. Hero's journey. Hades' underworld.

* Mestre em Literatura e Crítica Literária e doutoranda no mesmo programa, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. ORCID: 0000-0003-1029-5618. E-mail: hirasike(AT)gmail.com.

** Doutora em Comunicação e Semiótica/ Literatura, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde atualmente é Professora Associada. Participou, nessa mesma Universidade, da fundação do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Crítica Literária (Mestrado e Doutorado), do qual foi coordenadora por quatro gestões. ORCID: 0000-0002-5584-9197. E-Mail: vbastazin2(AT)gmail.com.

O material do mito é o material da nossa vida, do nosso corpo, do nosso ambiente; e uma mitologia viva, vital, lida com tudo isso nos termos que se mostram mais adequados à natureza do conhecimento da época.
(CAMPBELL, 2015, p. 8)

1 Introdução

Na mitologia grega, Circe é uma das filhas do deus Sol – Hélio, com a oceânide Perseis – que fazia parte das ninfas dos fundos inacessíveis dos oceanos. O mito de Circe apresenta a deusa como uma feiticeira de poções e venenos, temida pela manipulação de ervas e realização de metamorfoses; seus poderes transformavam homens em animais. A partir de diferentes versões, a entendemos como uma deusa dual, do amor e da vingança, dos encantamentos e da proteção às maldições. Após ser banida do Olimpo, por desobediência, Circe é castigada e passa a viver como exilada na ilha Eana. É nessa ilha que, após ter enfrentado inúmeros obstáculos, Ulisses e seus guerreiros, por sua vez, fazem uma parada, no caminho de retorno à saudosa Ítaca. Assim, a Ilha de Circe constituirá uma das micronarrativas da Odisseia, que oferece destaque ao grande herói – protagonista – daquela que se tornará uma das mais importantes epopeias clássicas.

Ao se aproximarem da morada da feiticeira, os altivos navegadores de Ulisses¹ se deparam com feras encantadas, todavia, estrategicamente, não são atacados. Famintos e vendo-se diante de Circe, esses homens caem nos encantos da anfitriã sedutora, provam de sua hospitalidade, comendo e bebendo o que a feiticeira lhes oferece. Imediatamente após o banquete que lhes é oferecido, Circe, utilizando-se de seus poderes malignos, os transforma em porcos, sem que perdessem a consciência de humanos. Apenas um dos tripulantes da embarcação salva-se dessa armadilha e retorna a Ulisses para contar o ocorrido. Auxiliado por Hermes, deus dos viajantes, Ulisses segue para a morada da senhora da Ilha, levando consigo uma planta que o torna imune ao feitiço de Circe. Após os primeiros contatos, Circe e Ulisses equipararam-se em estratégias perspicazes e estabelecem certa confiança entre si. Com charme e diplomacia, Ulisses logra ter seus homens restituídos à forma humana.

¹ Ulisses é o nome em latim para Odisseu, o nome grego.

A parada de Ulisses na Ilha de Eana torna-se parte do retorno a sua cidade após a longa guerra que resultou na destruição da cidade sagrada de Tróia. Ítaca – seu lar de origem – passa a ser o seu grande alvo, visto que é o lugar onde ele irá depositar toda a glória de sua sobrevivência, além dos que conseguiram sobreviver graças as suas inteligentes manobras. Encontrar sua esposa e seu filho passa a ser seu objetivo maior, porém, torna-se cada vez mais difícil em função dos obstáculos impostos por Zeus, o grande chefe do Olimpo e dos deuses imortais, a quem Ulisses tinha desagradado durante a guerra.

Na Odisseia, o herói se vê atormentado com tudo o que vivera até então e passa a almejar um retorno seguro para si e seus homens. O período de 20 anos desse retorno a Ítaca passa a ser cantado em versos para narrar os muitos desafios que Ulisses enfrenta, tais como o aprisionamento na caverna da ninfa Calipso, que queria desposá-lo; o encontro com os Ciclopes, gigantes hostis e monstruosos – representados com um só olho; a ira do deus dos mares, Poseidon, que deixa sua embarcação à deriva; até a chegada e descida ao submundo de Hades.²

A partir desses destaques, referentes às passagens focadas em Ulisses e Circe na Odisseia, demonstramos o reconto do mito de Circe, no romance de Madeline Miller, no qual a própria protagonista narra em primeira pessoa a parada de Ulisses e sua tripulação na Ilha de Eana.

Citamos, a seguir, trechos da Odisseia em prosa, seguidos de passagens equivalentes no reconto feito no romance de Miller, assim delimitando nosso recorte para o presente estudo, cujo objeto é evidenciar a simbologia do nome Circe, em uma perspectiva mística da jornada de retorno do herói ao lar, tendo cumprido o desafio de tornar-se imortal, ao descer ao mundo dos mortos e conseguir retornar à luz e à vida.

Ao mostrarmos o episódio da Ilha de Circe como um porto de inevitável parada de Ulisses, evidenciamos, também, a ressignificação da figura da bruxa e feiticeira terrível da Mitologia Greco-romana. Circe afigura-se o desafio e o encorajamento para o herói Ulisses. Ele negocia com a feiticeira para salvar seus homens dos seus encantos maléficos, mas conforme constroem mútua confiança e respeito, Circe o orienta em importante etapa da jornada do guerreiro em seu retorno a Ítaca.

² Deus do submundo, onde se encontram os mortos, e do qual poucos conseguem retornar à vida.

2 Circe e o simbolismo da circularidade do nascer ao pôr do sol

The ancient Greek hero in 24 hours, de Gregory Nagy (2013), é uma obra baseada no curso que o autor vem ministrando na Universidade de Harvard, desde 1970. Dividida em *Hours* – o conteúdo é composto por partes nas quais são analisadas passagens da tradução que Gregory Nagy faz da *Odisseia* e *Ilíada* de Homero, do grego clássico para o inglês. Curso e obra auxiliam-nos explorar os temas abordados nos épicos. Selecionamos a *Hour 10, The mind of Odysseus in the Homeric Odyssey* (A percepção de Odisseu na Odisseia de Homero), diante da simbologia do nome Circe, bem como da parada de Ulisses na ilha da feiticeira em seu retorno a Ítaca após a guerra de Tróia.

O tradutor e classicista Gregory Nagy (2023)³, por meio do levantamento do que denomina *palavras-chave*, observa a repetição delas ao longo dos cantos e aponta seu campo de significação na micronarrativa. A partir dos significados no grego clássico, demonstra como o foco nessas *palavras-chave* auxiliam a análise, não apenas da *Odisseia*, como da *Ilíada* de Homero. Com essa metodologia e considerando a repetição dos temas desencadeados por aquelas palavras, a cada capítulo o leitor se orienta pelo tema central da micronarrativa abordado, reconhecendo-o na continuidade da epopeia.

Na parte em que cita as palavras-chave **noos** e **nostos**, do grego (de raiz indo-europeia), significando retorno à casa / ao lar / à luz e à vida e percepção aguçada, Nagy chama a atenção do leitor para as passagens sobre relação entre Ulisses e Circe – a feiticeira que é o objeto específico de nosso estudo.

Quando enfrenta os obstáculos impostos por Poseidon, navegando por mares agitados e tendo perdido a noção de sua localização, Ulisses avista a ilha de Circe e se deixa ficar ali por dois dias, sentindo-se acolhido e atraído pela ilha.

Após enfrentar um Ciclope⁴ e assistir a muitos de seus homens serem destroçados e devorados pelo monstro, Ulisses, sofrendo a dor e a crueldade da guerra de Tróia, além de ter

³ Baseado no livro de sua autoria, *The ancient Greek hero in 24 hours*, o Prof. Gregory Nagy ministrou o Curso “Heróis Gregos”, por mim frequentado na íntegra quando de minha visita à Universidade de Harvard (Faculty of Arts and Sciences – Folklore and Mythology Program), disciplina GENED 1074/2023, por ocasião do doutorado sanduíche patrocinado pela CAPES.

⁴ Ser mitológico, gigante e cruel, que possui um olho só e vem de gerações de ferreiros hostis e teimosos, a serviço de Zeus.

visto de perto a gruta escura da morte, consegue despertar de seu desespero e, estando no mar, completamente desorientado, avista e, em seguida, desembarca na ilha de Eana, onde vive Circe.

Dali prosseguimos nossa viagem de coração pesaroso, mas contentes de escapar à morte, embora com a perda de companheiros queridos. Arribamos à ilha Eeia. Nesta vivia Circe de ricas tranças, deusa e terrível, de humana linguagem, irmã de Eetes, o funesto. Ambos nasceram de Hélio, luzeiro dos mortais; foi sua mãe Perse, filha que Océano gerou. Ali chegamos com o barco até a praia, sem ruído, a um porto acolhedor, guiados por um nume. Desembarcamos e deixamos ficar por ali dois dias e duas noites, devorando o coração de fadiga e tristeza.

[...]

– Escutai minhas palavras, companheiros, a despeito dos males que aturais. **Como não sabemos qual o lado da noite e qual o da aurora**, nem de qual desce sob a terra o sol que os mortais alumia, nem donde ele ressurge, apressemo-nos a examinar se existe ainda algum expediente. Eu penso que nenhum. Galguei o escarpado mirante e contemplei a ilha, que **o mar infinito** coroa; ela se estende rasa; meus olhos lobrigaram no centro uma fumaça ascendendo além duma densa carvalheira e duma floresta. (HOMERO, 2013, p. 116-117, grifos nossos)

A seguir, destacamos, no romance de Madeline Miller (2019), uma passagem que corresponderia à releitura do texto de Homero, agora, sob a ótica da hesitação e dos poderes de Circe frente à chegada de Ulisses e seus navegadores, todos eles não apenas fatigados, mas exaustos das experiências vividas até a ilha.

Eu poderia ter lançado uma ilusão sobre a ilha para mantê-los afastados, tinha o poder para isso. Poderia cobrir minhas praias suaves com uma imagem de rochas afiadas e turbilhões, de penhascos escarpados e impossíveis de escalar. Eles seguiriam em frente e eu nunca precisaria vê-los, nem ninguém mais, outra vez. Não, pensei. É tarde demais para isso. Eu fui encontrada. **Deixe-os ver o que sou. Deixe-os aprender que o mundo não é como pensam. Eles escalavam os caminhos. Percorriam as pedras da trilha através do meu jardim. Todos contavam a mesma história desesperada: estavam perdidos**, estavam cansados, estavam sem comida. Ficariam tão agradecidos pela minha ajuda. (MILLER, 2019, p. 223-224, grifos nossos)

Nessas passagens da Odisseia, observamos a entrega do herói a um porto acolhedor, permitindo-se confessar sua desorientação. Ulisses percebe (**noos / noostos**), então, que fora guiado pelo **nume** da Ilha.

Embora todos estivessem contentes de escapar à morte, Ulisses conta o que sabe sobre Circe. Notamos as contradições na descrição da feiticeira: deusa e terrível; deusa, mas

com humana linguagem; irmã de um homem funesto, embora ambos fossem nascidos de Helio – luzeiro dos mortais. A ilha, entretanto, é descrita como numinosa, naquele momento em que os navegadores não sabem qual o lado da noite e qual o da aurora.

No trecho equivalente, do romance de Miller, Circe por sua vez, mesmo consciente de seu poder de tornar sua ilha invisível aos visitantes, parece satisfeita de ter se deixado encontrar para que eles aprendessem mais sobre o mundo, além do que pensam saber.

Sobre o mar infinito que Ulisses vê coroar a ilha, na passagem do texto da *Odisseia*, a palavra **Okean**, do grego, tinha, antes das descobertas, um sentido muito diferente do que entendemos hoje, quando nos referimos à palavra para designar as águas que banham os vários continentes. Conforme Nagy (2013), **okeanos** para os gregos eram as águas infinitas e profundas, que cercavam as terras e os mares que as banhavam, um portal para mundos desconhecidos e desafiadores, que prometiam o mergulho no frescor das águas e, paradoxalmente, na escuridão dos mistérios.

Este rio místico Okeanos, ao redor não apenas da terra, mas mesmo dos mares ao redor da terra, define os limites do mundo conhecido. A cada fim de dia, conforme se põe, o sol literalmente mergulha nas águas frescas desta corrente cósmica que se auto eternamente [...]. (NAGY, 2013, p. 12, tradução nossa)⁵

Ao mesmo tempo em que observamos a exaustão e desorientação da nau do herói e seus guerreiros, destacamos a parada na Ilha de Circe, com descrições dicotômicas e cercada de um mar infinito e misterioso.

2.1 A representação do mundo circundado pelo *Okeanos*

O mundo, que seria real e seguro, era conhecido como se estivesse totalmente cercado de águas. A noção de círculo e circularidade tornaria assim factível o retorno do herói, caso o círculo fosse todo ele metaforicamente navegado além dos mares. É consenso, também, a necessidade de inspiração e coragem para mergulhar no desconhecido. O submundo escuro de Hades representa o desconhecimento do pós-morte. Os mitos que narram a descida ao

⁵ Do original em inglês: “This mystical river Okeanos, surrounding not only the earth but even the seas surrounding, defines the limits of the known world. Every evening, as the sun sets at sunset, it literally plunges into the fresh waters of this eternally self-recycling cosmic stream [...]”.

mundo de Hades ensinam o necessário confronto das incertezas e medos, para que haja a revelação buscada pela luz, de volta à vida – este enfrentamento que tornará possível a conquista da imortalidade pelo herói.

Figura 1: Mapa-múndi na concepção de Hecateu de Mileto (550-480 AEC)



Fonte: PORTAL GRÉCIA ANTIGA. O mapa-múndi de Hecateu de Mileto. Disponível em: <https://greciantiga.org/img.asp?num=0107>. Acesso em: 31 out. 2023.

A analogia entre o nascer e o pôr do sol, a noite e o dia, o inverno e o verão, a escuridão e a claridade não são temas novos na análise dos mitos, principalmente aqueles que envolvem a descida ao submundo, equiparando-se ao enfrentamento do medo do autoconhecimento e ao processo de purificação, outra característica relacionada às águas em diversas cosmogonias. No campo da mitologia podemos lembrar do mito grego de “Deméter e Perséfone” e do mito sumério “A descida de Innana”, nos quais a descida ao submundo aborda uma revisão do conceito de poder e do sentido da vida. O retorno, à luz e à vida só seria possível após a experiência de descida às profundezas do submundo.

Para os gregos antigos, o submundo era a oposição ao Olimpo, dos deuses imortais, considerado, portanto, o espaço dos mortais, que era demarcado por limitações e muitas características de imperfeição. Ao herói sempre seria possível emergir do submundo para

atingir o Olimpo, passando, evidentemente, por desafios que lhe garantiriam a conquista da imortalidade.

Lembremos, aqui, que o submundo, inicialmente compreendido como espaço dos mortais, transformou-se no espaço dos mortos, passando a ser conhecido como aquilo que hoje se denomina *inferno*, lugar de provações e confrontos com as sombras, as culpas e os temores mais profundos do ser.

Com esses pressupostos de resgate histórico e reflexivo, passamos a abordar a simbologia de Circe, ela própria podendo ser a *ilha*, cercada por Okeanos, e parada imposta ao herói.

Ao retornar à ilha de Circe pela travessia do rio circular cósmico Okeanos pela segunda vez, o herói completa o círculo, vivenciando o nascer do sol depois de ter vivido o seu pôr. Até mesmo o nome Circe pode ser relevante, uma vez que a forma *Kirke* pode ser um cognato da forma *kirkos*, uma variante do nome *krikos*, que significa círculo, anel. Conforme veremos, esta experiência de completar **o círculo é uma experiência mental – ou, em outras palavras, é uma experiência psíquica.**⁶ (NAGY, 2013, p. 12, grifos e tradução nossos)

Metaforicamente, imaginar essa circularidade a partir do papel da Circe – no sentido de ilha e de magia, é a expressão poética da própria jornada humana, diante da existência que possa se reciclar a partir de um momento crucial de desafio. O conceito de circularidade esteve implícito nas crenças antigas das sociedades matriarcais, que historicamente precederam o período homérico e sua poética sobre os deuses. Em apertada síntese, era um modo de se observar a natureza do nascimento, vida e morte, como um fluxo de chegadas e partidas pelo ventre da mulher e da Terra.

A simbologia mítica subjacente aos mitos na literatura contém outras narrativas a serem exploradas. No nosso exemplo, essa simbologia é encontrada subjacente ao nome Circe e à localização de sua ilha no meio do *Okeano*. O fato de ser o lugar de parada de Ulisses na sua navegação de retorno a Ítaca nos dá a visão do evento circular de morte e retorno à vida pelas águas primordiais. Essas, as águas do início do mundo, geograficamente falando, na visão

⁶ Do original em inglês: “In returning to the island of Circe by crossing the circular cosmic river Okeanos for the second time, the hero has come full circle, experiencing sunrise after having experienced sunset. [30] Even the name of Circe may be relevant, since the form *Kirkē* may be cognate with the form *kirkos*, a variant of the noun *krikos*, meaning ‘circle, ring’. [31] As we will now see, this experience of coming full circle is a mental experience – or, to put it another way, it is a psychic experience.”

anterior às descobertas, as quais também representavam a fonte da vida, e o risco da morte nos mares profundos e agitados.

3 Da *Odisseia* de Homero à *Circe*, de Madeline Miller

A partir da seleção de alguns trechos da *Odisseia* de Homero e do romance *Circe*, de Madeline Miller, destacamos trechos da narrativa de acontecimentos na Ilha de Circe sob a perspectiva do papel e das intervenções da feiticeira na jornada do herói.

Quanto aos trechos destacados em negrito nas citações a seguir, é possível perceber a mesma simbologia implícita no portal desafiador da Ilha de Circe, que seria uma forma de **ajuste de contas** do herói, frente à consciência da morte, a qual passa a habilitá-lo à imortalidade.

Após um ano de permanência na ilha de Circe, em retiro, tomado de paixão e afeto, Ulisses refaz-se dos lamentos e desgastes da guerra e outras tribulações passadas. Chegado o momento de retomar sua jornada de retorno à casa, ele é informado por Circe que deve falar com o profeta Tirésias antes de retornar a Ítaca. O profeta cego e já morto, traz o cenário da viagem que Ulisses deverá empreender:

– Filho de Laertes, progênie de Zeus, engenhoso Odisseu, se assim não vos praz, não fiquéis mais tempos em minha casa; antes, porém, é necessária outra viagem; deveis ir à morada de Hades e da terrível Perséfone, a fim de consultardes a alma do tebano Tirésias, o advinho cego, cuja mente continua viva.

[...]

– Ó Circe, quem me guiará nessa viagem? À mansão do Hades ninguém ainda foi ter num escuro barco.

[...]

Quando em teu barco tiveres cruzado o rio Océano, onde vires uma praia estreita e os bosques de Perséfone, de altos choupos e estéreis salgueiros, faze abicar o teu barco à borda do Océano de remoinhos profundos e demanda a vasta morada de Hades. (HOMERO, 2013, p. 124)

Nessas passagens, destacamos as orientações de Circe, que não abandona o herói, mas, antes, o encoraja a cumprir a etapa do seu destino para a imortalidade e retorno à luz. Notemos que, na tradução em prosa da *Odisseia*, é o próprio Ulisses quem se fragiliza perguntando à Circe quem o guiaria. No romance de Miller (2019), a voz narrativa da própria Circe, brada que não o abandonaria.

Toquei seu peito, onde o grande coração de capitão batia. – Venha – eu disse. – Não vou abandoná-lo. Eu o levei a meu quarto e lá compartilhei o conhecimento que estivera se erguendo em mim o dia todo, rápido e incessante, como bolhas num riacho. – Os ventos o carregarão além de terras e mares, até a borda do mundo vivente. Há uma faixa lá, com um álamo preto, e águas escuras e imóveis cobertas por salgueiros. A entrada para o submundo. Cave um fosso, do tamanho que mostrarei. Encha-o com o sangue de uma ovelha e de um carneiro negros e faça libações ao redor. As sombras famintas virão correndo. Ficarão desesperadas por aquela vida borbulhante depois de tanto tempo no escuro. Os olhos dele estavam fechados. Imaginando, talvez, as almas jorrando de seus salões cinzentos. Ele conheceria algumas delas. Aquiles e Pátroclo, Ájax, Heitor. Todos os troianos que ele tinha matado e todos os gregos também, e sua tripulação que fora devorada, ainda clamando por justiça. (MILLER, 2019, p. 268)

Ao retornar do submundo de Hades, façanha que poucos conseguiam, emergindo à superfície do misterioso *Okéanos*, Ulisses torna-se um herói imortal. No reino de Hades, a mãe do herói veio conversar com ele, o profeta Tirésias, Aquiles, Pátroclo e muitos dos troianos que ele tinha matado. Assim, ele teve oportunidade de prestar homenagens e prometer cultos aos mortos tão logo retornasse a Ítaca; ouvir conselhos e exemplos daqueles cuja morada eterna era o submundo; reconhecer suas faltas e as dívidas que acumulava perante os mortos e o que ainda poderia fazer em vida. Ulisses, principalmente, permitiu-se encarar sua verdade mais profunda, sobre a motivação para as batalhas, sobre suas escolhas e seu desejo de retornar a Ítaca.

No retorno, após confrontar seus próprios ressentimentos e aplacar seu desejo de justificar seus atos e honrar suas armas, Ulisses recebe tanto o reconhecimento e a aprovação de alguns, como o silêncio ou a crítica de outros mortos, além de ter por completo o círculo da descida àquele mundo escuro e terrível, como se pode descrever, o reino ou submundo de Hades.

Essa passagem da *Odisseia* registra o que atualmente poderíamos chamar de **viagem psicológica** ou **mergulho no subconsciente**; ou ainda, **percurso de autoconhecimento e autoavaliação**, do contato sensível com a alma dos mortos, em função de sonhos, visualizações e cultos que resultem na alteração da consciência.

Na mesma esteira, Gregory Nagy comenta que “a experiência de completar o círculo é uma experiência mental – ou, em outras palavras, é uma experiência psíquica” (NAGY, 2013, p. 12).

Ao retornarem à ilha, Circe os recebe efusivamente pelo desafio enfrentado com a descida ao submundo de Hades. Essa superação significa que conquistaram a imortalidade ou a chance da segunda morte, o que os destaca e diferencia dos outros que desceram e não mais voltaram. Circe oferece descanso e alimento para depois partirem. Nos trechos seguintes, novamente comparamos as passagens correspondentes em Homero e em Miller.

No relato contemporâneo de Miller, conforme havia prometido, a deusa amante não abandona Ulisses e o instrui detalhadamente sobre o que iria enfrentar no mar, numa conversa íntima e zelosa com ele, sobre o território sujeito às armadilhas do deus Poseidon no mar. Na Odisseia, entretanto, notamos o modo diferente de abordagem desse auxílio, já anunciado como estratégia de guerra, com o uso de termos como **rota** e **trama funesta no mar**.

A etapa da conquista da imortalidade do herói é evidenciada no romance de Miller, quando Circe compara Ulisses a Hércules (Héacles), que também descera e retornara do submundo de Hades conquistando a imortalidade e sendo, posteriormente, elevado à categoria dos deuses pelo próprio Grande Zeus. No mito de Hércules foram a ele designados doze trabalhos, sendo um desses a descida ao submundo de Hades. Daí Circe saudar Ulisses e seus homens como *homens de carvalho*, em alusão à conhecida força de Hércules, dizendo que haviam realizado um dos trabalhos desse deus:

A augusta deusa parou no meio de nós e disse:

— Homens formidáveis sois vós, que descestes vivos à mansão de Hades e assim tereis duas mortes, quando os demais morrem apenas uma vez. Eia, porém, comei da comida, bebei do vinho e ficai aqui o dia inteiro; zarpareis assim que luzir a aurora. Eu vos indicarei a rota, esclarecendo todas as minúcias, a fim de que nenhuma trama funesta no mar ou em terra vos faça sofrer com tribulações. (HOMERO, 2013, p. 141)

Dei um passo à frente, projetando o brilho de meus olhos sobre eles. — Bem-vindos! — exclamei. — Bem-vindos de volta, homens de coração de ouro. **Homens de carvalho! São heróis para as lendas. Realizaram um dos trabalhos de Hércules:** viram a casa da morte e viveram. Venham, há cobertores aqui, dispostos para vocês na grama macia. Há vinho e comida. Descansem e se recuperem! (MILLER, 2019, p. 271, grifos nossos)

Nessa passagem do romance, fala-se sobre o brilho que Circe projetava sobre os viajantes, sem lamentar ou duvidar se deveria ter escondido sua Ilha e sem deixar de ser o *nume* que tinha atraído Ulisses para a importante parada do herói no seu retorno à sua terra. Da Odisseia de Homero à Circe, de Miller, observamos o retorno do herói à luz. Circe é o *nume* da Ilha e ela própria representa o desafio para o mergulho de Ulisses em Okeanos. Conforme

chamamos a atenção inicialmente, o estudo da micronarrativa de Ulisses e Circe na Odisseia e no reconto contemporâneo de Miller, nos convida a imaginar o *nume* da intuição, da percepção e do retorno à luz e à vida, *noos* e *nostos*.

Figura 2: Arte representativa da ilha de Circe, entre o leste e oeste do Okeanos



Fonte: imagem criada pela ilustradora Kátia Setsuko⁷

Com esses substratos para nossa interpretação do papel da Circe, nessa que pode ser vista como uma experiência psíquica do herói, traçamos um exemplo de ressignificação da figura da bruxa na literatura clássica, de forma a, na literatura contemporânea inspirada em obras clássicas e em mitos, propormos a releitura do papel da ninfa, deusa e feiticeira exilada Circe.

4 Considerações finais

Observa-se que, por não existirem mulheres heroínas na literatura épica, as personagens femininas apareceram sempre como secundárias, porém abordamos nesta oportunidade a feiticeira presente na importante etapa de conquista da imortalidade do herói.

⁷ Kátia Setsuko é professora de artes e ilustradora brasileira, atualmente radicada em Londres. Criou, gentilmente, a imagem inserida como figura 2 para este artigo, concebendo a ilha circular que lembra o colo de um útero.

O nome atrativo da Ilha, como o próprio Ulisses percebe, remete ao movimento circular da Terra em torno do Sol, proporcionando dias e noites, luas, plantios, marés e tudo o que é cíclico. Circe poderia ter escondido sua Ilha para que ela não fosse encontrada, mas o tempo em que ocorre o nome que ilumina e revela a Ilha, este também circular, de acordo com sol, faz o encontro acontecer.

Ulisses aceita o desafio de rever seus feitos e suas respectivas consequências na vida e na alma dos que morreram, encorajado e auxiliado pela feiticeira Circe. Assim, o herói pôde compreender a morte. Em muitos trechos das epopeias, deparamo-nos com a bravura e persistência do herói em sua missão, ciente de que só no seu retorno haverá glória, o que nos parece mais uma alusão à circularidade, pois, ao retornar à terra natal, outro círculo se completa.

A ilha de Circe, tal como é apresentada, pode nos sugerir o exílio da bruxa do poder despótico; ou então dos monomitos dos heróis e deuses do Olimpo, metaforicamente nos fazendo mergulhar no infinito mar da jornada da heroína, em suas batalhas solitárias. Circe é a bruxa que luta contra a sua marginalização no Olimpo comandado por Zeus, sem perder a autoconfiança e a capacidade de amar.

Quando a deusa é exilada, há versões do mito de que isso ocorre em virtude dos ciúmes que sentiu do amado – Glauco – que se enamorou de outra ninfa – Cila – a qual Circe transforma em um terrível monstro, desagradando os deuses do Olimpo.

Nos cantos de Homero, o banimento e exílio da feiticeira que simbolicamente metamorfoseia homens em porcos quando estes se deixam encantar apenas com os prazeres de sua *ilha*, parece ter agradado a reis e nobres. Mas ao amar Ulisses, ela é a condutora do herói à imortalidade e ao retorno seguro a Ítaca, o que, como buscamos mostrar neste estudo, coloca-a em outro plano na narrativa clássica, assim refletindo no reconto contemporâneo.

A abordagem da simbologia de Circe e sua Ilha ressignifica a figura da bruxa a que o mito de Circe remete: feiticeira dos venenos e das metamorfoses. Assim, não poderíamos deixar de lembrar brevemente das acusações contra bruxas e feiticeiras, mulheres sedutoras que poderiam **levar seus homens ao inferno**, contribuindo, quiçá, para novas interpretações do mito, possivelmente subjacentes àquela construção. Podemos lembrar, ainda, da heresia que significou também as ideias de Galileu, quando acusado por defender a tese de Copérnico

de que a Terra girava ao redor do Sol. O físico, astrônomo e matemático foi obrigado a renegar as ideias heliocêntricas, permanecendo preso, além de ter sua obra *Diálogo* colocada no Índice de Livros Proibidos do Vaticano.

Constantino Kavafis – também creditado como Constantine P. Cavafy – que viveu na Grécia entre os séculos XIX e XX, é o autor do poema *Ítaca*, importante neste estudo para presentificar a riqueza da sabedoria humana em relação ao mito. O **eu lírico** do poema nos convida a desejar o caminho não apenas como um meio de retorno, mas como ele próprio sendo o **todo** construído com presentes vividos intensamente, ou seja, elos que se ligam formando um círculo. Nessa toada, observemos que o poema se inicia com o conselho de que “tua rota seja longa, repleta de peripécias, repleta de conhecimentos, [...]”. E assim segue o poeta, desfiando lindos versos de motivação para que, a despeito das dificuldades e obstáculos encontrados, como monstros e o “colérico Poseidon”, a jornada seja, em si, engrandecedora. A beleza que o poema aponta no percurso, ele próprio um ato de heroísmo, nos encoraja a refletir sobre as **Ítacas** como metaforicamente, a plenitude.

KAVAFIS, *Ítaca*

(tradução de Haroldo de Campos)

Quando, de volta, viajares para Ítaca

Roga que tua rota seja longa,

Repleta de peripécias, repleta de conhecimentos,

Aos Letrigões, aos Cíclopes,

Ao colérico poseidon, não temas:

Tais prodígios jamais encontrará em teu roteiro,

Se mantiveres altivo o pensamento e seleta

A emoção que tocar teu alento e teu corpo.

Nem Lestrigões nem Cíclopes,

Nem o áspero Poseidon encontrarás,

Se não os tiveres imbuído em teu espírito,

Se teu espírito não os sucitar diante de si.

Roga que tua rota seja longa,

Que, múltiplas se sucedam as manhãs de verão.

Com que euforia, com que júbilo extremo

Entrarás, pela primeira vez num porto ignoto!

Faze escala nos empórios fenícios

Para arrematar mercadorias belas;

Madrepérolas e corais, âmbar e ébanos

E voluptuosas essências aromáticas; várias,

Tantas essências, tantos aromatas, quantos puderes achar.

Detém-se nas cidades do Egito – nas muitas cidades –

Para aprenderes coisas e mais coisas com os sapientes zelosos.

Todo tempo em teu íntimo Ítaca estará presente,
Tua sina te assina esse destino,
Mas não busques apressar sua viagem.
É bom que ela tenha uma crônica longa duradoura,
Que aportes velho, finalmente à ilha,
Rico do muito que ganhares no decurso do caminho,
Sem ela não a terias empreendido.
Nada mais precisa dar-te.
Se te parece pobre, Ítaca não te iludiu.
Agora tão sábio, tão plenamente vivido,
Bem compreenderás o sentido das Ítacas. (KAVÁFIS, 2009, p. 9)

Entendemos que, para raiar novos tempos em relação à Crítica Literária, no campo da mitologia, haja contínuo empenho nas pesquisas sobre personagem em enredos que ressignificam bruxas e feiticeiras, assim como sobre heróis que as cercaram ou delas nasceram, ou por elas morreram.

A epígrafe deste artigo foi proposta na perspectiva de uma reflexão literária que agregasse ao mito a imensurável tarefa de perpetrar suas versões, sua tradição e saberes universais no contexto da contemporaneidade.

O material do mito é o material da nossa vida, do nosso corpo, do nosso ambiente; e uma mitologia viva, vital, lida com tudo isso nos termos que se mostram mais adequados à natureza do conhecimento da época. CAMPBELL, 2015, p. 8)

De fato, o constante diálogo sobre o mito na literatura contemporânea traz o material da nossa vida, nossa finitude e a oportunidade de lidarmos com tudo nos termos sincrônicos das interações necessárias em nossas jornadas.

Nossa abordagem de Circe visita esta possibilidade poética do feminino na literatura, abordando-a como o feitiço de um porto acolhedor, o qual propõe o autoconhecimento no uso do poder para a conquista da imortalidade por meio da compreensão da falibilidade humana, confrontada por constante aprendizado.

Esperamos, em uma aventura poética, pensando nos imortais da literatura, ter mergulhado no reino de Hades e retornado para a luz contemporânea. O exercício de soltar a imaginação, sendo herói ou heroína, refazendo a descida ao reino de Hades, submundo dos mortos, desmistifica a versão de **submundo** no sentido de inferior, do mesmo modo, **mundo dos mortos** como um lugar assustador, se nessa aventura imaginarmos ter usufruído de longas

conversas, quem sabe com Homero⁸, Hesíodo⁹, Shakespeare¹⁰, Arthur Miller¹¹, Marion Z. Bradley¹² e até mesmo os Sprenger e Kraemer¹³, já que nos propusemos a falar de bruxas. Da feitiçaria divina à diabólica e até a caça às bruxas, foram muitas as batalhas que, aliás, continuam sendo travadas. Propomos que a literatura seja a Circe, feiticeira dos venenos e metamorfoses. Temida? não, se como o herói ou heroína amados, nos libertarmos da sina de morrer ou de permanecer como porcos. A aventura poética pode e a leitura crítica que ressignifica os mitos de bruxas más, também.

Retornamos à luz e para a literatura viva de todos os tempos.

Referências

CAMPBELL, Joseph. **As transformações do mito através do tempo**. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 2015.

HOMERO. **Odisseia**. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2013.

KAVAFIS, K. **Ítaca**. Trad. Haroldo de Campos *In*: KAVÁFIS, Konstantinos. *Cadernos Ítacas*. Belo Horizonte: FALÉ-UFMG, 2009. Disponível em: <https://labeled-letras-ufmg.com.br/wp-content/uploads/2020/12/itacas-site.pdf>. Acesso em: 18. jan. 2024.

MILLER Madeline. **Circe**: feiticeira, bruxa, entre o castigo dos deuses e o amor dos homens. São Paulo: Planeta Minotauro, 2019.

NAGY, Gregory. **The ancient Greek hero in 24 hours**. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 2013.

Recebido em: 01.11.2023

Aprovado em: 18.01.2024

⁸ Autor ou compilador dos cantos da Odisseia.

⁹ *Teogonia*, genealogia e nascimento dos deuses.

¹⁰ *Macbeth*, peça em que três bruxas mudam o destino do reino por meio de traição e violência.

¹¹ *As bruxas de Salem*.

¹² *As Brumas de Avalon*.

¹³ *Malleus Malleficarum (O Martelo da Bruxas)*.